

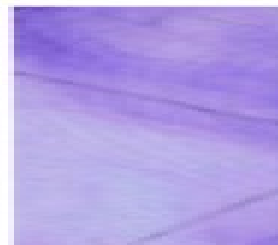
IMAGEM NO BRASIL

Fotografia e escola: latência de um sentido indizível.(1)

Alik Wunder¹

"Eu queria aprofundá-la (a fotografia) não como uma questão (um tema), mas como uma ferida: vejo, sinto, portanto noto, olho e penso".

[Barthes, 1984, p.39]



A fotografia efetua-se em nós como um *vínculo* que liga nosso *olhar ao corpo da coisa fotografada*. *A luz impalpável se faz meio carnal* (Barthes, 1984, p.121). Como se o olhar pudesse tocar as coisas e os seres, como se a fotografia fosse a própria *pele* deste momento olhado, que pode ser tocado novamente em outros tempos, por outros olhos. Por esta lógica de sensações, a fotografia pode ser pensada/sentida/usada como *cicatriz*, como *emanação da luz dos corpos fotografados que se faz rastro*. E, inexoravelmente, a fotografia joga-nos para um tempo sem a marca do passado. Na sua potência fragmentária, uma abertura, um descolamento, a impossibilidade de recomposição dos pedaços num tecido contínuo do

¹ Professora na UFSCar e realiza pós-doutorado pela Faculdade de Educação – Unicamp - Grupo OLHO de Estudos Audiovisuais.

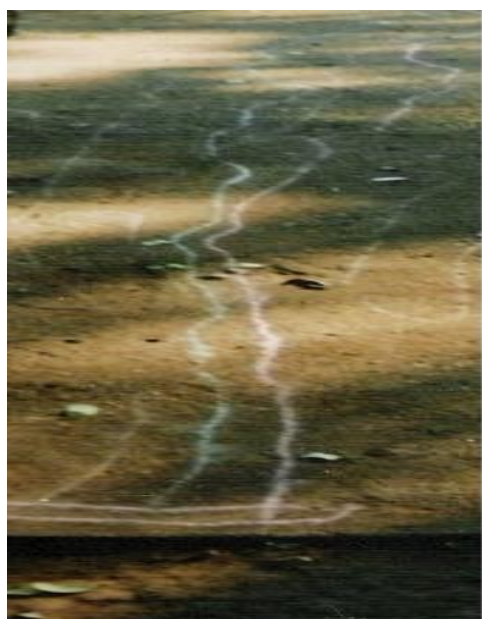
tempo e dos sentidos. As fotografias também efetuam como *feridas abertas*, como um vazar de líquidos sentidos.

Na gestão das escolas públicas, as fotografias cotidianas muitas vezes são requeridas nos relatórios com o nome de *evidências*. São tidas como objetos que comprovam fatos, arquivam vivências. As experiências escolares já tão vigiadas por diferentes olhares ganham, no olhar *neutro* da câmera fotográfica, uma outra forma de fiscalização. A requisição destas imagens às escolas controla a experiência de quem educa não somente pela possibilidade de serem analisadas, mas principalmente pela criação de uma necessidade compulsiva de fotografar o vivido com a finalidade de comprová-lo. Imagens que se multiplicam como *peles* cicatrizadas de um tempo do educar. E as fotografias, como *peles*, ganham sensibilidades múltiplas, além de superfícies marcadas, também são escorregadias, deslizam pelos dedos da visão. Uma diretora de escola, contou-me que se nega a produzir tais imagens inquisitivas. Criou, em sua escola, uma caixa, que contém uma porção de fotografias emblemáticas, não datadas. Quando lhe intimam: *foto de reunião com pais, foto de reunião pedagógica, a festa junina, o dia do meio ambiente!* – oferece-lhes as provas requeridas. Resistência muda de uma interessante caixa de evidências imaginárias...



Uma outra educadora define seu tema de ensaio fotográfico: registrar a preparação das instalações físicas de sua escola para receber portadores de necessidades físicas especiais. Sua intenção leva-a a fotografar um espaço comumente não escolhido para ser fixado em imagem. Banheiro: o

lugar privado – privada - de um espaço público – escola. Lugar da expressão violenta de um outro alfabeto. Nas fotografias, as barras de ferro, seu foco principal, somem entre paredes riscadas, objetos danificados, rasgos nas superfícies materiais e íntimas da escola. Entre a experiência de fotografar e o olhar lento sobre seu ensaio, depara-se com o seu próprio assombro. *A quem, afinal, a escola está incluindo?* O que a assombra não é somente a coisa fotografada, os danos, a cena *aterrorizante, perturbadora*, mas também seu próprio movimento com a fotografia, a força *subversiva e pensativa* (Barthes, 1984, p.62) de sua imagem. Segue em frente, por diferentes espaços - reuniões com professores, coordenadores, alunos - com um gesto bastante interessante: simplesmente apresentando suas fotografias, sua pergunta sem resposta e seu silêncio. Latência de um sentido indizível.



Passagens que levam a pensar na potência da fotografia como um objeto que, mesmo produzido com a intenção de reter e aprisionar sentidos, possui uma força outra, efetua em sua superficialidade, em seu silêncio, em dizeres balbuciantes e deixa a abertura para sentidos não determinados. Neste mesmo gesto de *cortar* o visto e *cicatrizá-lo* em uma *pele-papel*, há um efeito outro, inevitável: as luzes de uma fotografia também nos tocam, por vezes nos ferem de maneira inusitada. O

punctum de Roland Barthes: *o acaso que nela (fotografia) me punge (mas também me mortifica, me fere). Ele parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar* (Barthes, 1984, p.46-47). Entre as luzes da imagem e as luzes dos nossos olhos, o advento de algo que nos afeta. *O que posso nomear não pode, na realidade, me ferir* (p. 80).



Sentidos que não se deixam identificar, que não se fazem na relação de controle e retenção, mas justamente pelo escape, pelo que foge, extravasa. O pó de giz na lousa, no chão, nas mãos, sombras e luzes singulares e cotidianas na concretude das paredes, o intenso e fugaz encontro de olhos, o instante em que a tinta se adensa na superfície do papel e que se esvai na água, um toque de corpos, a corda azul que se apaga e se adensa na superfície-papel . Aventura não programada de nossos dizeres.

(1) Trecho da Tese de Doutorado "Foto quase grafia: o acontecimento por fotografias de escolas" defendida em 2008 na Faculdade de Educação – Unicamp. Os pensamentos da Tese fizeram-se a partir de ensaios fotográficos produzidos por educadoras da rede municipal de Campinas em cursos sobre fotografia e educação realizados pela pesquisadora.

REFERÊNCIAS:

– BARTHES, Roland. A Câmara Clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.